Gonçalo de Carvalho Amaro
TÉCNICO SUPERIOR DE HISTÓRIA DO MUSEU DE SÃO ROQUE
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

IMPORTÂNCIA PARA A PRESERVAÇÃO DA SUA HISTÓRIA E VALORIZAÇÃO DA SUA AÇÃO NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Com mais de cinco séculos de existência, a Misericórdia de Lisboa é uma instituição cheia de história e tradições, apresentando um património riquíssimo para a compreensão social do país.

A longa duração desta instituição leva também a que este património se torne mutável e renovado, sinal dos tempos e das prioridades sociais de cada momento histórico. Torna-se assim relevante ter estes pressupostos em consideração e que exista uma maior preocupação pela preservação deste património, em particular dos objetos que possam contar essa história, ligada à saúde, à ação social e aos jogos sociais.

A SINGULARIDADE DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS

As Misericórdias portuguesas são instituições singulares, não só pela sua larga duração – prolongando-se, na sua generalidade, desde finais da Idade Média até à contemporaneidade – mas também pelo seu âmbito, vocacionadas para todas as obras de misericórdia, o que as distinguia das restantes confrarias de misericórdias espalhadas pela Europa[1]. A este aspeto deve ser acrescentado outro, de igual

[1] SÁ, I. dos G. e LOPES, M.A. *História Breve das Misericórdias Portuguesas 1498-2000*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, pp. 12-58.

importância, que diz respeito à existência de um modelo institucional que, numa primeira fase e com forte apoio real, foi capaz de se replicar por todo o mundo com presença portuguesa, seguindo o compromisso original da Misericórdia lisboeta. As Misericórdias e as Câmaras representavam os dois "pilares gémeos da sociedade colonial portuguesa, já que cada cidade com presença portuguesa tinha de ter estas duas instituições"[2].

A Misericórdia de Lisboa foi a génese desse património do "mundo português", uma herança viva ainda presente na generalidade dos países de língua e expressão portuguesa. Uma herança histórica materializada em antigos edifícios e igrejas espalhados pela Ásia, pela América e por África. Uma herança cultural que leva, inclusive, a que comunidades portuguesas, por iniciativa própria, criem Misericórdias em países sem essa tradição, como a França e o Luxemburgo.

Figura 1 *– Igreja da Conceição Velha, cuja fachada mantém ainda as evidências da primeira sede, construída de raiz, da Misericórdia de Lisboa.*

[2] BOXER, C. R. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 267.

Deste modo, caracterizar o património das Misericórdias portuguesas não é tarefa fácil, pois são instituições ativas há mais de cinco séculos. Estas foram testemunhas de vários regimes e foram sabendo tecer o seu património de acordo com cada momento histórico. No entanto, como em todas as instituições multisseculares, a atualidade e o momento presente acabam por influenciar a ideia que temos sobre uma determinada instituição, mesmo quando a sua história é muito mais rica ou até diferente desse momento. A ideia que se tem do património no presente é, quase sempre, mais entranhável e imediata. O "presentismo" do património é um mal conhecido entre historiadores, sendo que alguns, como David Lowenthal, são drásticos em "separar as águas" entre história e património: o britânico, em texto publicado em 1996, defende que se, por um lado, a história "é universalmente acessível e comprovável", por outro, o património é mais variável, sendo construído socialmente sem se basear propriamente "em factos comprovados, mas numa lealdade crédula" [3]. Essa perspetiva "presentista" subjaz nos museus das Misericórdias. Maria Antónia Lopes, nas Primeiras Jornadas de Museologia das Misericórdias, afirmou que as Santas Casas estão muito centradas apenas num enfoque, no presente, naquilo que subsiste e que é geralmente a igreja da instituição e a "arte sacra" associada, não havendo uma perspetiva global da sua importante ação social, cultural e económica ao longo da história.

"Os espaços expositivos das Misericórdias podem ser poderosos veículos de conhecimento e de autoconhecimento, tanto ao nível das instituições como das comunidades. Todavia, para uma correta musealização dos espólios e dos espaços das antigas instalações é necessário saber o que foram, de facto, as Misericórdias e que atividades desenvolveram ao longo dos séculos. Este conhecimento é imprescindível para se organizar, compreender e explicar o património musealizado e para se procurarem os acervos que deveriam existir nas Santas Casas, mas estão dispersos por outros locais ou simplesmente invisíveis porque soterrados sob camadas de desconhecimento." [4]

QUE HISTÓRIAS NOS CONTA O PATRIMÓNIO CULTURAL À GUARDA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA?

Como se sabe, grande parte do importante património material e artístico da Misericórdia de Lisboa acabou por se perder devido à destruição que a sua sede, na Ribeira, sofreu com o terramoto e subsequente incêndio no ano de 1755 [5], ocorrendo o mesmo com o Hospital de Todos os Santos, no Rossio, que também estava sob a tutela da instituição. Porém, ganharia outros patrimónios relevantes como a Igreja e Casa Professa de São Roque e o seu riquíssimo património de arte sacra jesuítica.

[3] LOWENTHAL, D. *Possessed by the Past: The Heritage Industry and the Spoils of History*. New York: Free Press, 1996, p.120.

[4] LOPES, M. A. "Musealizar Misericórdias conhecendo a sua história". *In* Primeiras Jornadas de Museologia nas Misericórdias. Penafiel: 2014, p. 62.

[5] CARVALHO AMARO, G. *Uma Igreja, duas Histórias. Um percurso pela história e pelo património da antiga igreja manuelina da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015, pp. 77-80.

Para além do destaque óbvio da Igreja de São Roque e do seu acervo em exposição no museu com o mesmo nome, existe ainda um enorme acervo patrimonial a cargo desta Santa Casa, disperso pela cidade de Lisboa e concelhos limítrofes, como, por exemplo, o Convento de São Pedro de Alcântara, o Palácio dos Marqueses de Minas, o Palácio da Quinta Alegre, o Palácio dos Marqueses de Tomar, a Residência Faria Mantero, o Palácio Portugal da Gama a São Roque (todos em Lisboa), mas também edifícios representativos de uma arquitetura pensada para a ação social da instituição, como a Creche Victor Emmanuel (Lisboa), o Hospital de Sant'Ana (Cascais), a Colónia de Férias de São Julião (Ericeira), a Cozinha Económica dos Anjos (Lisboa), o Centro de Medicina e Reabilitação do Alcoitão (Cascais), a Obra Social do Pousal (Malveira) e a Aldeia de Santa Isabel (Sintra).

Figura 2 *– Hospital Ortopédico de Sant'Ana, jardim de inverno. Fotografia Paulo Cintra.*

Nestes espaços, tal como na Igreja de São Roque, existe também um conjunto muito significativo de objetos que retratam a história da instituição nos últimos dois séculos. Tais elementos caracterizam a diversidade das Misericórdias ao longo dos tempos, pois estas foram e continuam a ser instituições com uma ação muito lata, que abrangeram e abrangem várias áreas. Maria Antónia Lopes descreve muito bem essa diversidade:

> "Para assegurar todos esses serviços, eram necessários recursos humanos: contratação de padres, sacristães, 'moços da capela', advogados, funcionários de secretaria, médicos, sangradores, boticários, enfermeiros, cozinheiros, celeireiros,

andadores, criados, etc. É bom de ver que, além dos edifícios e dos objetos litúrgicos, existia nas Misericórdias um imenso espólio funcional. Os instrumentos médicos, farmacêuticos, de enfermagem, de higiene? Os móveis das enfermarias? As roupas das camas? As fardas dos doentes e dos funcionários? As baterias de cozinha? As louças? As cadeirinhas dos doentes? Os berços das Rodas e as máquinas de amedalhação dos expostos? Os panelões das sopas dos presos ou dos pobres? As caixas das esmolas? Os esquifes de enterrar os pobres e as tumbas de enterrar os ricos? Os recheios dos colégios e recolhimentos? Os meios de transporte e os arreios dos animais? O material das secretarias? As urnas das eleições? Onde estão sinalizados os espaços que serviram de enfermarias, cozinhas, despensas, cartórios, estrebarias?" [6]

Figura 3 – *Centro de Apoio Social dos Anjos, antiga Cozinha Económica n.º 2, interior. Fotografia Paulo Cintra*

A estes elementos deveríamos acrescentar um dos particularismos da Misericórdia de Lisboa: os jogos sociais e todo o acervo a si associado. Com uma história também ela já extensa – que remonta a 1783 e ao reinado de D. Maria I – adquiriu, sobretudo a partir do século XX, uma dinâmica muito interessante na sociedade portuguesa, tanto pelo seu forte investimento na ação social, como pelo imaginário que gerou na comunidade através da diversidade dos jogos, da sua crescente ligação com o desporto e até das memórias da sua publicidade.

[6] *Op. cit*, p. 59.

Neste quadro, a Direção da Cultura da Misericórdia de Lisboa iniciou, em 2021, um processo de inventariação dos bens móveis com valor histórico, artístico e patrimonial que possam existir nos equipamentos da instituição. Este processo, ainda em curso, tem dado a conhecer uma impressionante quantidade de objetos de uma imensa diversidade: desde os das farmácias e hospitais aos das creches, passando também por todos aqueles ligados aos serviços sociais e à implementação dos jogos. Parece-nos muito pertinente que este património possa ser estudado e até musealizado, preservando-se desse modo a memória da Misericórdia e seguindo de perto o que foi proposto anteriormente pela historiadora Maria Antónia Lopes. Assim, será possível criar narrativas a partir desses objetos, explicando o seu uso, para que serviram, que importância tiveram nos serviços da Misericórdia em determinado momento, que objetos os substituíram, histórias associadas, quem os usou, etc.

Figura 4 *– Mandíbula e parte de crânio com alguns tendões, para estudo, início do século XX, Piso 1 corredor dos consultórios de dentistas do CAI Domingos Barreiro. Fotografia Gonçalo Amaro.*

Figura 5 *– "Sagrada Família", escultura da artista Maria Amélia Carvalheira, final dos anos 50, entrada da capela da Obra Social do Pousal. Fotografia Gonçalo Amaro.*

Figura 6 *– "Boletim do Totobola alusivo à Guerra Colonial de 1961. Arquivo do Departamento de Jogos, edifício da Avenida da Liberdade. Fotografia Gonçalo Amaro.*

Figura 7 *– Maleta educativa para ensino da Matemática a cegos e amblíopes. Elementos provavelmente provenientes de caixa métrica n.º 2 ou 3, da primeira metade do século XX. Centro de Reabilitação Nossa Senhora dos Anjos. Fotografia Gonçalo Amaro.*

Reconhecido, cada vez mais, o valor que os sentimentos e a memória têm na construção da história e do património[7], consideramos, na linha de Jean-Michel Leniaud[8], que o património é dinâmico e não estático, composto por elementos vivos e não inertes, sejam eles de pedra ou estejam guardados na nossa memória. Contudo, só perduram se as pessoas se interessarem por eles, como dizia Jacques Duahmel, ministro da Cultura francês da década de 70: "A melhor forma de manter vivos os monumentos de uma região é mantendo vivos os homens dessa região"[9]. Seguindo esta abordagem integral, que prioriza a relação das pessoas com a sua cultura e os objetos que a compõem – presentes no seu dia-a-dia, nos museus e tradições –, podemos começar a refletir sobre o património de outra forma, não apenas como uma obra representativa de feitos históricos ou enquanto sinónimo de beleza artística, mas também como um elemento integrador, capaz de elevar a autoestima, melhorar as condições de vida e criar novos vínculos, sendo estes aspetos que se enquadram perfeitamente na ação da Misericórdia de Lisboa.

[7] CARVALHO AMARO, G. *Pessoas, Objetos e Sentimentos. Ensaios e Reflexões sobre a Construção Social do Património*. Lisboa: Colibri, 2015.

[8] LENIAUD, J.-M. *L'Utopie française: essai sur le patrimoine*. Paris: Mengès, 1992.

[9] Entrevista à televisão pública francesa a 10 de outubro de 1971. Consultar *http://www.ina.fr/video/I00014526/discours-de-jacques-duhamel-sur-les-monuments-historiques-video.html*

Figura 8 *– Medalhão de azulejos com retrato do marquês de Minas, inícios do século XVIII. UAACAF, Antigo Palácio dos Marqueses de Minas.*

Figura 9 *– Antigo aparelho de medição de tensão do espólio do Dr. Arnaldo Rodo, primeira metade do século XX, vitrina do Centro de Estudos, Hospital Ortopédico de Sant'Ana. Fotografia Gonçalo Amaro.*

Figura 10 *– Conjunto de 12 gravuras francesas do século XVIII sobre ortopedia, Centro de Estudos, Hospital Ortopédico de Sant'Ana. Fotografia Gonçalo Amaro.*

NOTAS FINAIS

Apesar de existir, na sociedade, uma tendência para associar os museus e o património a bens de grande valor artístico, surgem cada vez mais exemplos e formas de patrimonialização que exploram objetos do passado recente[10], objetos de uso quotidiano[11] e, inclusivamente, museus que apresentam os seus conteúdos através de sons e imagens, sem recurso a artefactos do passado[12]. Não devemos igualmente ignorar que a sociedade atual está cada vez mais interessada noutros âmbitos culturais e procura uma linguagem nova e crítica[13]. As mudanças tecnológicas têm sido imensas nos últimos anos, acarretando uma alteração na linguagem e no acesso à informação, que – sobretudo com a massificação da internet – é necessariamente mais rápida e individual. Numa época de enorme controlo por parte dos *mass media*, as pessoas buscam nos museus a oportunidade de "descobrir" aquilo que a televisão não oferece. Procuram, seguindo as palavras de Huyssen, "a possibilidade de ver tridimensionalmente, cheirar, eventualmente tocar, ou comprar uma recordação de algum objeto visitado que permita um vínculo de memória"[14]. Verifica-se, assim, que apesar de todos os meios disponíveis, a cultura material do passado – aquele objeto que perdura ao longo dos anos – continua a ser vital para a ação performativa de representar esse tempo e para a construção de uma memória e de uma identidade palpável entre gerações.

É neste quadro que se torna importante preservar o património disperso pelos equipamentos da Misericórdia de Lisboa, atribuindo-lhe uma dinâmica de patrimonialização social[15], que mantenha um vínculo institucional com o seu passado e com as comunidades que continua a servir no presente. Nesta perspetiva, o património pode atuar tanto como meio de coesão entre colaboradores, como também enquanto forma de dar a conhecer a instituição à sociedade, contando a sua história, o seu sentido e a sua atuação no presente, no quadro dos vários serviços.

[10] No que diz respeito a este ponto, os exemplos são imensos, uma vez que se passou a dar grande importância ao património pré-industrial e industrial. Salientamos as interessantes propostas museográficas do Museu de Portimão, do Museu da Eletricidade, do Museu do Aljube e do Museu da Levada de Tomar.

[11] Neste caso temos como exemplo os museus comunitários que tentam vincular as próprias comunidades locais com o espólio apresentado. Entre os vários exemplos disponíveis destacamos o Museu do Traje da Misericórdia de São Brás de Alportel, o Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, em Lazarim, e o Ecomuseu do Seixal.

[12] Um dos maiores exemplos deste tipo de estratégia museográfica está presente no Museu da Língua Portuguesa, que musealiza um elemento intangível como o idioma. Existem, no entanto, outros exemplos mais próximos no nosso país, como o News Museum, ou outros que combinam objetos com uma forte componente de multimédia, como o Lisbon Story Center ou o Museu Cosme Damião.

[13] ROLLAND, A.-S., MURAUSKAYA, H. (Dir.). *De nouveaux modèles de musées? Formes et enjeux des créations et rénovations de musées en Europe, XIX-XXIe Siècles*. Paris: L'Harmattan, 2008.

[14] HUYSSEN, A. *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia*. New York: Routledge, 1995, pp. 13-36.

[15] CARVALHO AMARO, G. *Pessoas, Objetos e Sentimentos. Ensaios e Reflexões sobre a Construção Social do Património*. Lisboa: Colibri, 2015.

Assim, é fundamental que se possa contemplar um desenvolvimento faseado desta inventariação dos bens móveis com valor histórico e patrimonial da Misericórdia de Lisboa. A primeira fase, já em curso, começou com a identificação dos bens que devem ser preservados, de acordo com critérios previamente definidos, tais como antiguidade, raridade, articulação com histórias de determinado equipamento e/ou funções da instituição. A segunda fase de acondicionamento permitirá, depois, a conservação e a manutenção adequada desses bens. Por último, a terceira fase abrirá caminho ao estudo e à eventual musealização, considerando a hipótese de reservas visitáveis ou mesmo a da criação de um centro interpretativo.

Figura 11 *– Estetoscópio de Pinard, para escutar os batimentos cardíacos dos fetos. Segunda metade do século XX. Direção de Saúde da SCML. Fotografia Gonçalo Amaro.*

Figura 12 *– Exemplar do Formulário Dietético para Estabelecimentos de Assistência à Infância da Misericórdia de Lisboa. Segunda metade do século XX, vitrina na entrada da Creche Victor Emmanuel. Fotografia Gonçalo Amaro.*